

A HISTÓRIA DE JACK & CASSIE CONTINUA EM...

J. STERLING

VIRANDO O JOGO

Tradução de CHICO LOPES



COPYRIGHT © 2012, BY J. STERLING

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2014

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Tradução **CHICO LOPES**

Preparação de textos **MICHELLE STRZODA | BABILONIA CULTURA EDITORIAL**

Revisão **FERNANDA GUERRIERO E GABRIELA DE AVILA**

Projeto gráfico e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Capa original **MICHELLE PREAST**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sterling, J.

Virando o jogo / J. Sterling ; tradução de Chico Lopes.
— 1. ed. — São Paulo : Faro Editorial, 2014. (Game series)

Título original: The game changer.

ISBN 978-85-62409-24-0

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

14-10393

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



1ª edição brasileira: 2014


Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br



Este livro é dedicado a todos aqueles que se apaixonaram por um cara adorável e atrapalhado, como o meu Jack, e se recusaram a deixá-lo ir embora. Obrigada por quererem mais.

Sumário

Não foi um sonho, 9
Perseguidor, 26
Fique, 41
Melhores amigos, 55
Mudança de assunto, 72
Você é Mandona, 77
Eu nunca mais deixarei você, 84
Bem-vindo às ligas superiores, 95
Eu insisto, 107
Quando a vida lhe der limões, 114
Muitos dos caras traem, 128
Eu não preciso de babá, 137
Não deixarei nada acontecer com ela, 149
Ele pode me dirigir quando quiser, 156
Dois quartos no vigésimo terceiro andar, 166
Pegos em flagrante, 175
Ela não deveria ser mais gostosa?, 186

Não fui feita para isso, 197
Não me importa quanto isso custará, 215
Força, 220
O amor faz a vida valer a pena, 231
Não pode ser, 240
Virando o jogo, 247
Não posso acreditar que fiz isso, 256
Uma proposta, 266

Epílogo, 273

Obrigada, 277

Não foi um sonho

CASSIE

Abri meus olhos na manhã seguinte, meio aterrorizada de que tudo tivesse sido um sonho... embora um sonho lindamente excitante, doce, romântico. Meu olhar rapidamente pousou sobre Jack esparramado na cama ao meu lado, parecendo muito satisfeito em dormir. A mera visão dele fez meu coração disparar, mas eu resisti à ânsia de despertá-lo para o segundo round. Ou seria o terceiro? Todas as emoções da noite anterior se confundiam dentro de mim e, antes que eu pudesse assimilá-las totalmente, percebi que realmente me sentia feliz. Aparentemente, a felicidade vinha me evitando há meses.

Aquela nova realidade inundou minha mente. Jack aparecera na minha porta na noite passada, depois de seis meses sem comunicação, usando uma camiseta do Mets e segurando uma dúzia de rosas vermelhas. Ele me olhou nos olhos e disse que lamentava, que me amava, e que ganharia minha confiança novamente. Eu não conseguia acreditar que ele estava ali. O simples fato de vê-lo tirou todas as minhas forças e tive de me segurar para não desmoronar. Eu queria muito trazê-lo de volta à minha vida, mas precisava saber que desta vez isso seria para sempre.

E agora ele estava deitado na cama ao meu lado. Eu tinha perguntas sobre por que levava tanto tempo para vir e por que nunca fizera contato comigo, mas, honestamente, neste momento, nenhuma delas importava.

Ao menos, era o que eu tentava dizer a mim mesma.

Minhas perguntas podiam esperar, mas eu sabia que não podiam esperar por muito tempo. Eu não era de deixar as coisas passarem sem uma explicação. E, francamente, Jack tinha um monte de explicações a dar.

Lentamente, rolei para fora da cama, tentando não acordá-lo. Eu havia acabado de pôr os pés no chão quando ele lançou seus braços fortes em torno da minha cintura, puxando-me de volta para a cama.

— E aonde é que você pensa que vai? — Jack ofegou contra meu pescoço.

— Aonde eu quiser, estou no meu apartamento — repliquei, com uma risada.

— Eu não disse que você podia sair da cama — ele soou tão determinado que não pude deixar de dar uma risadinha abafada.

— Não preciso de sua permissão — retruquei, e ele rolou para cima de mim antes de beijar a ponta do meu nariz.

— Você não faz ideia do quanto eu sentia falta de seu jeito desafiador.

— Bem, eu não senti falta do modo com que você tenta me matar com o peso de seu corpo. Argh, cai fora.

— Estou tentando. — Seu rosto se contorceu num sorriso malicioso ao deslizar sua mão sobre minha coxa nua.

Dei um tapa em seu ombro antes de revirar meus olhos.

— Você é tão safado!

— É. Mas sou *seu* safado. — Ele se abaixou, pressionando seus lábios contra os meus. Instintivamente, virei minha cabeça para longe dele, fechando meus lábios numa muralha firme, impenetrável. Jack se afastou de mim, rolando para o outro lado. — O que houve?

Sorri, tapando a boca com minha mão.

— Não posso beijá-lo assim de manhã. Tenho que escovar os dentes primeiro.

Ele fez um sinal de assentimento.

— Você realmente está cheirando como um dragão.

Meu queixo caiu, mas rapidamente o fechei, tentando com todas as minhas forças exalar o mínimo possível.

— Não estou nada. Cale a boca!

Ele riu, e eu me perdi em suas covinhas maravilhosas. Sentia falta delas.

— Estou brincando, gatinha. Você cheira a rosas.
— Não consigo entender como senti falta de seu jeito irritante.
— Até parece. Somos assim mesmo. Você é uma chata e eu a suportar.
— Oh. Meu. Deus. — Eu me projetei da cama, lançando sobre ele meu melhor olhar furioso antes de correr para a porta.
— Estou brincando! Você é um maldito anjo por suportar minhas cagadas.

— Está certo, eu sou, e não se esqueça disso! — gritei do corredor.
Escovei os dentes em meu minúsculo banheiro para uma só pessoa antes de voltar para o quarto. Jack não havia movido um músculo. Seus olhos fixaram-se nos meus, lançando arrepios de expectativa que percorreram minhas veias. Era enlouquecedor como eu amava e odiava o efeito que ele produzia sobre mim. Odiava o modo como ele sabia o que causava em mim, mas amava a maneira como me fazia sentir.

Acho que devo procurar ajuda psiquiátrica.

Prendendo um suspiro, eu me sentei na beira da cama antes de me reclinar e virar meu rosto para ele.

— Qual é o problema, gatinha? — Ele enrugou as sobrancelhas, duas rugas se formando entre elas.

— Não é nada — menti.

— Conheço você mais do que pensa, Cass. O que foi?

— Eu só queria lhe perguntar uma coisa.

— Pergunte o que quiser — ele disse, num tom sincero.

Hesitei, em dúvida se já deveria abordar esse assunto. Ele acabara de chegar. Eu acabara de recuperá-lo. Mas minha mente estava implacável. Eu não conseguia pôr fim à constante exigência de respostas e sabia que nunca estaria completamente satisfeita até que as obtivesse.

— O que aconteceu depois que deixei a Califórnia para vir para Nova York?

— O que você quer dizer?

— Ora, Jack. Levou seis meses para você vir aqui. Seis meses!
— Meu tom soou mais áspero do que eu pretendia, e observei seu olhar se afastar do meu. Ele exalou lentamente e passou as mãos sobre seus cabelos escuros.

— Sinto muito, Jack. Só que preciso falar disso, ou vai me consumir por dentro e vou acabar explodindo.

Ele olhou para mim, um sorriso tímido, arrependido, em seu rosto.

— Não, você está certa. Você merece respostas.

— Nós temos tempo? Quero dizer, você precisa ir ao campo hoje?

— Afinal, ele era um jogador profissional de beisebol e a temporada estava em pleno andamento.

— O time está na estrada. Eles me trouxeram aqui para ficar acomodado, em vez de me levarem para lá. Tenho que me apresentar amanhã de manhã, às dez horas.

— Ok. Então, podemos conversar sobre isso agora? — Meu pulso estava disparado, enquanto o nervosismo tomava conta do meu corpo. Jack estava aqui, comigo, em minha cama. Ele me amava e nunca deixou de me amar. Então, por que eu estava tão nervosa?

— O que aconteceu depois que saí de Nova York?

— Você quer um relato jogo por jogo dos seis meses inteiros? Eu posso deixá-la tão entediada que voltará a dormir.

Revirei os olhos, e ele franziu a testa.

— Conte só as partes boas.

— Se esta fosse uma história cheia de partes boas, gatinha, eu teria vindo aqui há muito tempo — ele caçoou, estendendo o braço para acariciar meu queixo com seu polegar.

Eu me encostei em sua mão e fechei os olhos, perdida no conforto que seu toque proporcionava.

— Quero dizer, as partes que fizeram você demorar tanto. Conte-me as versões resumidas — pedi, delicadamente, em dúvida sobre quais palavras estavam por vir.

Jack aninhou-me nele, e começou a me contar a história.

E então, sem mais nem menos, ela se foi. Mas não sem antes dizer a maldita palavra que povoava meus pesadelos. A garota sempre me pedia para “provar” o meu amor e devoção por ela. Eu merecia, depois de tudo que a fizera passar. Ela não confiava mais em mim.

Eu também não confiava em mim mesmo.

Era irônico, certo? Irônico que fosse eu o abandonado no meio-fio dessa vez. Juro que, se meu coração pudesse ter saltado fora do meu peito e caído em minhas mãos, ele teria saltado. Imaginei isso por um momento... o sangue escorrendo

pelos meus dedos, espirrando sobre o concreto abaixo enquanto eu o observava dar suas últimas batidas antes de parar totalmente.

Que merda.

Minha vida não faz sentido sem essa garota. E agora ela se foi.

Outra vez.

Por que estou sempre perdendo-a?

Eu desabotoei minha camiseta de jogo e a deixei cair sobre o cós de minhas calças de uniforme. Dei uma olhada para a porta do apartamento no alto da escada atrás de mim e lentamente comecei a descê-la, minha chuteira batendo ruidosamente no piso a cada passo. Eu não estava preparado para voltar para o hotel com meu time. Não naquele momento. Eles estariam celebrando a vitória daquela noite e eu precisava lamentar a derrota da noite.

A visão de Cassie desaparecendo de vista naquele táxi flutuava sem parar em minha mente. Fechei meus olhos, desejando que a imagem odiosa desaparecesse. O som de risadas femininas e a voz familiar do meu irmão me despertaram de meu torpor preenchido por Cassie.

“Minha nossa. O que é que há, Jack?” A simpatia de Melissa emergiu em alto e bom som, tanto em seus olhos quanto em seu tom de voz.

Olhei de relance para a melhor amiga de Cassie na escada com meu irmãozinho. Dean tinha apenas dois anos a menos que eu, mas ele seria sempre pequenino para mim, mesmo que já tivesse quase a minha altura. Meus olhos estavam pesados, meu coração disparado, e eu apenas assenti com a cabeça.

“Vamos lá, mano, vamos entrar.” Dean passou um braço em torno de minhas costas e me deu impulso para subir a escada de cimento, enquanto Melissa abriu a porta de seu apartamento e entrou.

“Você a viu?”, ela perguntou, jogando todos os seus pertences em cima da mesa da cozinha.

“Eu a vi”, respondi, friamente, acrescentando meu chapéu à bagunça ao cair sentado numa cadeira junto à mesa.

“Bem, que diabos aconteceu? O que ela disse?”, ela exigiu, gesticulando agitada.

“Ela foi embora.” Eu dei de ombros. “Está se mudando para Nova York.”

“Bem, é claro que ela está se mudando para Nova York”, ela disse, sua voz ficando fria.

Dean pôs uma das mãos em meu ombro, antes de explicar. “Melissa só quer dizer que Cassie tem que começar uma vida só dela. Ela tem de tomar decisões que não têm nada a ver com você.”

As palavras doeram de maneira infernal. Ergui bruscamente minha cabeça, olhando ferozmente para meu irmãozinho. “Eu sei disso. Você pensa que eu não sei?”

“Sabe mesmo? Sabe realmente ou você pensava que ela apenas se jogaria em seus braços e vocês viveriam felizes para sempre?”, Dean retrucou, sua voz repleta de acusação.

Uma rápida bufada de ressentimento escapou de meus lábios, e eu sorri timidamente. “Achei que ela poderia se jogar um pouco”, reconheci, erguendo um ombro.

Os lábios geralmente encantadores de Melissa se retorceram num rosnado: “Isso é besteira, Jack. Você esperava que ela desistisse de sua carreira só porque você pediu?”

“Eu não pedi que ela desistisse de sua carreira. Apenas supus que ela ao menos falaria comigo. Adiará seu voo. Que ela me daria uma maldita chance.”

“Do mesmo modo que você deu uma chance a ela quando se casou com aquela vagabunda?”

“Melissa”, Dean repreendeu-a baixinho, tocando o seu braço de um modo que, fosse lá como fosse, conseguiu apagar a raiva do rosto dela.

Senti um aperto no peito e meu queixo se enrijeceu quando as suposições de Melissa me apunhalaram como punhais. “Você não achou que foi de matar para mim deixar Cassie aquela noite? Tudo que eu queria era ficar com ela, pedir seu perdão e...”

“Mas você não ficou! Você não ficou com ela. Você a deixou chorando num meio-fio enquanto partia com aquela piranha!”, Melissa gritou, liberando cada grama de frustração que ela acumulara em consideração à Cassie, suas recriminações perfurando meu crânio e meu coração.

“Eu sei o que eu fiz!”, gritei retrucando, meu pescoço latejando. “Você acha que eu não sei bem o que fiz? Eu tenho que conviver com isso 24 horas por dia. Eu fodi com tudo, ok? Nós todos sabemos que eu fodi com tudo!” Eu bati a palma de minha mão sobre a mesa e fiquei olhando quando algumas moedas de prata para troco tilintaram e rolaram para o tapete embaixo dela, trazendo de volta lembranças de meu primeiro encontro com Cassie. Minha mente foi preenchida pela imagem dela sentada à minha frente naquela pequena cabine no fundo do restaurante. Eu me lembrei de ter puxado o saco de papel de minha jaqueta e derramado as moedas sobre o topo da mesa, orgulhoso de minha inteligência, já que várias rolaram para o piso ladrilhado embaixo dela. Todas as lembranças que costumavam me trazer alegria agora enchem de dor meu coração.

“Não é o suficiente saber o que esta história toda causou a você. Se deseja consertar isso, deve saber o que causou a ela”, Melissa disse, sua voz começando a se abrandar.

Olhei com raiva para ela, desejando que minha irritação se abrandasse. “Então me conte.”

“Todo mundo sabia o que você fizera quando Cassie voltou da visita que lhe fez no Alabama. Estava em todos os jornais que você se casaria. E também no Facebook. Você sabia que a estúpida revista da escola para a qual ela trabalhava teve a capacidade de ligar para ela e pedir fotografias suas? Disseram que tinham apenas fotos velhas e queriam saber se ela tinha mais novas.”

“Você está brincando?”, eu soltei, enojado.

“Quem dera estivesse.”

Cerrei os punhos. “Vou matar esses malditos, pequenos irresponsáveis...”

Ela apontou um dedo acusador para mim, parando-me no meio da arenga. “Não foram só os jornais, o Facebook e a revista. Foi todo lugar para onde ela ia. A escola era o pior. Cassie não podia sequer caminhar pelo campus sem que as pessoas fizessem comentários e observações maldosos. Ela teve seus momentos mais pessoais e penosos expostos para todo mundo ver e julgar. E, acredite, todo mundo tinha uma opinião sobre o rompimento de vocês.”

Eu me encolhi. Ouvir isso já era suficientemente doloroso; não conseguia imaginar minha garota ter que conviver com isso. “Eu não tinha a menor ideia de que isso estava acontecendo ou teria feito algo para interromper. Teria assegurado que ninguém dissesse nenhuma outra palavra negativa a ela outra vez.”

“Eu não estou lhe dizendo isso para fazer você se sentir mal, Jack. Estou lhe dizendo para que você entenda a repercussão que seus atos tiveram sobre ela. O erro foi seu, mas ela teve que pagar por ele.”

Deixei cair minha cabeça entre as mãos e puxei meu cabelo de tanta frustração, meus dedos retorcendo as mechas enquanto eu repelia as lágrimas que se formavam em meus olhos.

“Você a destruiu, Jack.” Melissa acrescentou o golpe final em meu estômago, que caiu aos meus pés. Eu havia ferido Cassie de uma forma que nunca imaginara, que eu nunca tivera intenção. E nunca seria capaz de me perdoar por isso.

“Eu também me destruí”, reconheci, afastando para longe a única lágrima que ousara escorrer furtivamente pelo meu rosto.

“Jack, olhe.” Melissa sentou-se diante de mim e cruzou os braços sobre a mesa. “Eu amo você. Amo muito. Mas você tem que deixá-la fazer o que ela quiser.”

Senti um aperto no peito com a verdade de suas palavras enquanto eu engolia em seco. “Eu a quero de volta. Eu preciso dela. Para mim, ou é Cassie ou é ninguém.”

“Não é a mim que você tem de convencer.” Ela estendeu sua mão, as pontas de seus dedos roçando os nós dos meus antes que eu os recuasse.

Afastei meu olhar de seus olhos azuis brilhantes e dei uma olhada para meu irmão. “Eu sei.”

“Ela ainda ama você”, Dean disse, antes de dar um gole em sua garrafa de água. Meus olhos se apertaram e ele reagiu com: “O quê? Você não acredita nisso? Ela acredita”.

“Não é questão de Cassie amá-lo ou não”, Melissa disse.

“É um pouco, sim, do contrário nós não estaríamos tendo esta conversa”, Dean disse com um sorriso.

“Você tem prestado atenção?”, ela caçoou, seu cabelo balançando sobre os ombros enquanto ela mexia a cabeça.

“Dean está certo”, eu disse. “Quero dizer, eu não teria uma chance de lutar se ela não me amasse mais.”

“Então, o que você vai fazer?”, a expressão de Melissa me desafiou.

“Primeiro, vou conseguir que este casamento seja anulado. Depois, vou pegar um avião para Nova York e recuperar a minha garota”, eu disse, com uma determinação recém-descoberta.

“Como assim?”, ela perguntou.

Passei minha mão pelos cabelos e dei uma bufada. “Eu ainda não sei.”

A incerteza pairava no ar, embaraçosa em seu silêncio. A pressão me corroía, insistindo para que desta vez eu acertasse. Se eu fosse atrás desta garota e lhe pedisse outra chance, era melhor que eu transmitisse muita confiança. Porque, se eu estragasse isso, terminaríamos de uma vez por todas. Pelo menos disso eu sabia.

“Posso usar o banheiro?”, perguntei, antes de me levantar, precisando de uma desculpa para entrar no quarto de Cassie, desejando ficar cercado por quaisquer partes suas que ela houvesse deixado.

“Naturalmente.”

“Posso usar o dela?” Eu não sabia por que estava perguntando se podia usar o banheiro de Cassie. O que diabos Melissa iria me dizer — não? Como se eu fosse ouvi-la, mesmo que ela o dissesse.

“Oh, claro”, ela disse, com um revirar de olhos que ela sabia que me irritaria.

Entreí no quarto de Cassie e examinei as paredes. Tudo dentro de mim doia

com o vazio. Todas as suas fotos haviam desaparecido; não havia muita coisa deixada por ela, além de sua mobília. Mas então meus olhos captaram um lampejo dela, e meu coração bateu com um ritmo sincopado. Eu me aproximei de sua cama, sentando-me à beira antes de estender a mão até a sua mesa de cabeceira. A jarra de Mason cheia de moedas se erguia ali, zombando de mim, preenchida até quase o topo. A mesma que eu tinha dado a ela, as moedas pretendendo “pagá-la” por todas as vezes em que eu a tocasse. Minha memória se voltou para o momento em que agarrei o seu braço pela primeira vez na festa da fraternidade naquela noite. Ela se afastou de minha mão com força e praticamente gritou: “Vai custar cinquenta centavos toda vez que você tocar em mim. Não faça isso novamente”. Eu queria aquela boquinha atrevida de volta para a minha vida.

Meus olhos focalizaram novamente a jarra de Mason; a nota escrita à mão com os dizeres “Trocós da Gatinha” ainda estava colada. Ela não a levava consigo. Por que diabos ela não levava? Era um mau sinal. Ela viajara para o outro lado do maldito país e deixara um pedaço de nós aqui. Um pedaço muito importante.

A jarra em minhas mãos zombava de mim, ostentando seu preenchimento enquanto meu coração permanecia vazio. Virei o vidro com meus dedos, passando meu polegar sobre sua superfície lisa. Pensei em esfaçalhá-la contra a parede e vê-la se espatifar em centenas de pedaços, pois assim espelharia minhas emoções fraturadas, mas sabia que me arrependeria disso imediatamente.

A montanha-russa de meu relacionamento com Cassie precisava parar. Não que eu quisesse sair dela. Eu simplesmente queria que Cassie fosse menos como as montanhas-russas do passado, tão sacudidoras de ossos, causadoras de dores de cabeça e feitas de madeiras frágeis, e mais parecidas com a fluida maciez das montanhas-russas de ponta dos dias atuais.

Coloquei a jarra de volta em seu lugar e saí do quarto, deixando o que restara do meu coração em algum lugar entre a mesa de cabeceira e o piso.

“Por que é que algumas coisas dela ainda estão aqui?”, encarei os olhos azuis de Melissa quando entrei novamente na sala de estar.

“Deduzimos que seria mais fácil deixá-las aqui por enquanto. Não sabemos por quanto tempo ela ficará lá, e eu não vou me mudar agora. Além do mais, encontrar um apartamento totalmente mobiliado em Nova York é fácil.”

“O que quer dizer quando diz que não sabe por quanto tempo ela ficará lá?”, perguntei, ansioso por toda minúcia de informação que pudesse obter sobre os planos de Cassie.

“Ela pode odiar morar lá. Ou pode ser que não dê certo no emprego. Ela não tinha certeza, sabe?”

Fiz que sim, desviando os olhos enquanto minha mente lembrava os nossos momentos juntos neste apartamento. Uma rápida visão dela naquele vestido de domingo branco, antes que eu a levasse para casa para conhecer minha família, lampejou em minha cabeça e eu estremei, fechei os olhos com força tentando afastar a dor aguda que se seguiu.

“Você está bem?”, a voz de Melissa forçou meus olhos a se abrirem.

Engolindo em seco, eu disse: “Estou só lutando contra fantasmas”.

Eu precisava ir embora.

Precisava fugir daquele apartamento onde o cheiro de Cassie e as lembranças dela ainda pairavam. Doía estar lá sem ela, e eu de repente percebi que devia ter sido igual para ela quando eu fui embora para viver com outra pessoa. Quão doloroso deve ter sido morar ali com a consciência de tudo que eu causara a nós dois. Quanto ela devia ter sofrido por meus atos. Ela era inocente; então, por que tive-ra que pagar o preço mais alto?

“Tenho que voltar para o hotel antes que eles entrem em desespero e pensem que eu desertei ou algo assim.” Eu me dirigi à porta da frente, minha cabeça latejando a cada batida do meu coração.

“Você precisa que eu o deixe em algum lugar?”, Dean perguntou, suas sobrancelhas se apertando.

“A menos que você queira que eu leve seu carro de volta para o hotel. Mas, a primeira coisa que você terá que fazer amanhã será recolhê-lo para não ser guinchado”, eu disse, lembrando-o educadamente de que o time estava programado para voltar para o Arizona de manhã.

Dean deu uma olhada para Melissa antes de me dirigir um sorriso. “Nada disso. Eu levarei você.”

“Jack? Não esqueça que eu estou aqui também. Você pode me ligar a qualquer hora e eu o ajudarei se puder”, Melissa disse com um sorriso simpático.

“Eu vou lhe cobrar isso”, forcei um sorriso em retribuição.

“Ótimo. Porque, mesmo que você seja um idiota, você é o idiota dela, e vocês dois pertencem um ao outro”, ela sussurrou, antes de passar seus braços por minha cintura e me apertar com mais força do que eu percebia que sua pequena constituição poderia fornecer.

“Você está me matando, baixinha”, eu sufoquei, e ela deu uma risadinha.

Dean lançou um braço em torno dos ombros dela e os apertou ao baixar os olhos para ela. “Vejo você mais tarde, tudo bem?”

“Sim”, ela disse, e eu não deixei de perceber a expressão em seus olhos. Ou nos dele.

Peguei as chaves da mesa, botei meu boné do Diamondbacks na cabeça, e me virei em direção à porta.

Caminhamos silenciosamente em direção ao Mustang cinza-escuro que eu comprara para Dean, as janelas pintadas parecendo quase negras como breu na escuridão. Ele se queixou a princípio, insistindo que não precisava dele, mas eu sabia que aquele era o carro de seus sonhos e queria fazer uma coisa legal para ele quando consegui meu bônus contratual. Joguei as chaves para ele e esperei à porta do passageiro. Ele clicou o controle remoto, dois bips preencheram o ar noturno, e nós dois deslizamos para cima dos assentos de couro gelados.

O motor rugiu despertando para a vida enquanto eu olhava fixamente para fora das janelas, minha mente disparando com pelo menos uma dúzia de pensamentos, todos competindo por uma atenção exclusiva. Balancei a cabeça e me concentrei em meu irmão. “Então, o que está rolando com você e Meli?”, perguntei, ansioso por uma distração.

Ele sorriu ao sair do estacionamento, mas não olhou para meus olhos. “Nada. Por quê?”

“Não minta para mim”, dei um soco no braço dele de brincadeira, fazendo com que ele desse uma puxada no volante e o carro guinasse com um solavanco.

“Ei! Não faça isso!” Ele deu uma olhada para mim rapidamente antes de voltar sua atenção para a rua.

“Diga-me, o que está rolando entre vocês dois? Eu vi o modo como ela estava olhando para você.”

“De que modo? De que modo ela estava olhando para mim?”, Dean se endireitou no assento do motorista. Eu obviamente captara a sua atenção.

“Você está brincando, certo? Você não vê o modo como ela olha para você? Com seus olhos penetrantes como se quisesse lhe devorar. Você é tão distraído assim?”

Dean riu com desdém: “Ela não me quer”.

“Como é que somos da mesma família? Cara, ela quer você, sim. Confie em mim. Conheço as mulheres.”

O barulho do motor quando ele acelerou na estrada foi o único som dentro do carro. Dean se concentrou atentamente na estrada à frente, antes de me lançar uma olhadela e soltar um longo suspiro.

“Eu tentei beijá-la uma vez. Pensei ter entendido todos os sinais. Mas ela me impediu”, ele admitiu, com voz desalentada.

“Você perguntou a ela por quê?”

“Não. Só pedi desculpas.”

Dei uma risada. Só mesmo meu irmão para pedir desculpas por tentar beijar uma garota com o qual ele passava todo o tempo livre. “Jesus, Dean. Eu apostaria mil dólares que ela quer você.”

“Então, por que ela não me deixou beijá-la?” Ele deu uma olhadela para mim novamente.

“Essa é uma boa pergunta. Você devia perguntar a ela”, eu disse. “É hora de formar um casal, irmãozinho. Como você vai se sentir se ela começar a namorar outro cara?”

Eu vi os nós de seus dedos se branquearem quando sua mão no volante se apertou mais. “Eu não vou ficar feliz.”

“Exatamente.”

Dean parou no estacionamento do hotel, e eu saltei do carro, meio que rezando para meus colegas de time estarem em seus quartos, em vez de no bar do hotel. Dei uma volta para o lado do motorista e estendi a mão para o meu irmão, antes que ele me puxasse para me dar um abraço desajeitado, como de costume, através da janela. Recuei, e nos demos tapas nos ombros antes de trocarmos um longo olhar. Rompi o contato visual e me virei para ir embora.

“Tudo vai dar certo. Você vai recuperá-la”, Dean previu, com confiança ingênua.

Eu respirei profundamente antes de dizer: “Melhor que eu consiga mesmo, ou não sei o que farei”.

“Eu vou ajudá-lo”, Dean ergueu um sorriso para mim que estranhamente se parecia com o meu.

Eu fiz que sim e reconheci: “Vou precisar mesmo da sua ajuda”. Dando-lhe um último afago, eu disse: “Ligo para você depois”.

“Tudo bem. Tome cuidado.”

Fiquei olhando quando ele se foi, sua mão se esticando para fora da janela num aceno. Ergui o braço, acenando em retribuição antes que ele ficasse fora de vista.

Com um suspiro profundo, rumei para dentro. Todas as esperanças de uma entrada discreta foram esmagadas quando o som de meu sobrenome infiltrou pelo bar do hotel e penetrou no saguão.

“Carter! Carterrrr! Venha cá!”

Dei uma olhada à minha direita, notando alguns de meus colegas de time à vontade com um grupo de mulheres bonitas. Balancei minha cabeça antes de caminhar para lá, não tentando esconder a desaprovação em meu rosto.

“Para onde você fugiu esta noite, garoto?”, meu colega de quarto, Costas, perguntou, sua cabeça farejando a mulher escassamente vestida que naquele

momento estava sentada em seu colo. Pensei em sua esposa, na casa deles com seus filhos, enquanto ele viajava com o time, e forcei meu julgamento a se transformar em uma silenciosa submissão.

“Eu tinha alguns problemas pessoais para resolver.”

“Tome um drinque com a gente”, ele disse e apontou para a atendente loura do bar. Ela terminou de secar o copo que segurava antes de colocá-lo no lugar e vir em nossa direção.

“Hoje não”, balancei a cabeça.

“Mais drinques para nós, então”, Costas piscou e meu estômago se revirou. Queria desabafar minha desgraça com ele, agarrá-lo pelo rosto presunçoso e perguntar se ele percebia o que estava fazendo, o que estava pondo em risco. Como é que apenas uma garota... numa noite sem sentido... poderia fazer seu mundo desabar em torno dele. Mas não podia ficar puto da vida com Costas por meus erros, por minha perda.

“Vejo vocês amanhã cedo.” Eu me virei para me afastar do bar, seus comentários me seguindo.

“Pobre novato, você viu a cara dele?”

“Bem-vindo às grandes ligas, garoto... mulheres em todos os estados. Sem querer ofender, doçura.”

Idiotas.

Interpretaram o desgosto em meu rosto como choque. Talvez se fossem algum dia forçados a perder a única pessoa que significava tudo para eles, entendessem o que, na verdade, meu rosto dizia.

Caminhei para o meu quarto de hotel e desabei sobre a cama. Com meu celular na mão, fiquei olhando a tela pelo que pareceram horas, resistindo à ansia de discar o número de Cassie ou enviar a ela uma mensagem de texto. Percebi que não seria fácil ficar longe dela quando tudo em meu corpo a queria de volta.

De repente, pulei de minha cama e caminhei em direção à escrivaninha no meu quarto. Usando a papelaria de cortesia e a caneta do hotel, fiz uma coisa que nunca havia feito em minha vida.

Escrevi uma carta.

Gatinha,

Percebi que o único meio de parar de ligar para você ou de lhe mandar mensagens de textos ou de lhe enviar e-mails ou de mandar um pombinho-correio para sua maldita janela, é escrever para você. O que de certo

modo faz com que eu me sinta um fraco, honestamente. Mas, se eu não fizer isso, temo arruinar tudo antes de sequer ter a chance de explicar.

Você provavelmente está pensando no que teria acontecido nesta noite. Sei que você não esperava me ver, nem mesmo sei como você está se sentindo por tudo isso, mas espero que seja o mesmo que eu. Eu nunca deixei de amar você. Sei que demonstro de um modo engraçado, mas vou compensar isso. Você verá.

Estou morrendo de vontade de embarcar no próximo voo para Nova York e recuperar você. Mas não posso fazer isso até que eu esteja totalmente livre de todos os meus apegos passados. Estou apenas tentando fazer a coisa certa para você. Percebo que nem sempre a coisa certa para mim é a mesma para todo mundo, mas espero que neste caso você concorde comigo.

Então... espero que você entenda que não pedirei seu perdão enquanto eu estiver legalmente casado com outra pessoa.

Você provavelmente pensa que isso é uma estupidez, certo?

Eu sempre amarei você.

Jack



Ele parou de contar sobre a noite em que parti e eu repeli as lágrimas que se formavam em meus olhos.

— Você me escreveu uma carta?

— Escrevi um monte de cartas para você.

Atônita, murmurei:

— Gostaria de vê-las algum dia.

Por conta do meu choque, eu literalmente ansiava por uma mudança de assunto. Eu sabia que tinha pedido isso, mas doía. Falar sobre nosso passado não devia importar para nosso futuro. Mas isso era meu coração bobo falando. Meu coração... meu pequeno e estúpido coração, que queria ser guardado numa caixa envolta em algodão por trás de um muro com tijolos e concreto onde ninguém nunca o ferisse. Minha mente estava em guerra com aquela coisa pulsante. Eu acreditava totalmente que, se meu coração e minha cabeça pudessem travar uma batalha dentro de mim, eles o fariam. E, no final, eu é que morreria.

Não, Cassie.

Você precisa ouvir isso.

A única maneira de seguir em frente sem remorso era aceitar o que acontecera. Eu não podia mudar nosso passado, mas podia mudar nosso futuro. E, para que eu realmente o perdoasse e aprendesse a confiar nele outra vez, precisava ouvir o que lhe tomara tanto tempo. De forma confiante, desejava começar minha própria cura interna.

— E então, e depois? — Minha atitude ficou séria com meu tom.

— O que você quer dizer com... e depois? — ele perguntou, sua expressão mostrando que ele estava perplexo com minha pergunta.

— Isso foi apenas a noite em que eu parti. Depois, o que aconteceu? Nós temos seis meses de resumo para chegarmos até aqui, Carter.

— Eu pensei que seria expulso do time no dia seguinte — ele admitiu. Eu me defendi imediatamente.

— Cale essa maldita boca. O que aconteceu?



Cansado e remelento, lancei a alça de minha sacola sobre meu ombro e apertei o botão de descer no elevador. Mexi nervosamente em minha gravata, endireitando minha jaqueta quando as portas tilintaram para abrir, e dei um passo para dentro do compartimento vazio.

O saguão rapidamente se encheu de conversas quando o resto do time se infiltrou, puxando sacos de equipamento pessoal e alguns até arrastando seus filhos atrás de si.

Fiz o checkout, puxei meu boné e saí em direção ao ônibus fretado que esperava.

“Carter, venha cá.” A voz do Treinador me sobressaltou, e eu deixei cair a sacola ao meu lado.

Caminhei em direção a ele, que lançou seu braço em torno do meu ombro. “Vamos caminhar”, ele disse.

Merda. Será que ele já vai me rebaixar para as ligas inferiores?

O Treinador se inclinou e cravou seu olhar no meu. “Você é um bom garoto, Carter. Eu gosto de você. Mas nunca mais saia correndo da sede do meu clube antes que eu lhe diga que você pode ir. Você me entende?” Sua voz era bondosa, mas havia um peso nela, peso que ele queria que eu percebesse.

“Sim, senhor. Eu realmente lamento isso...”

“Não peça desculpas, garoto. Só não deixe que isso aconteça outra vez ou eu rebaixarei você para as categorias inferiores tão rapidamente que você ficará até tonto”, ele ameaçou, assegurando que eu entendesse minha posição entre os totens do time. Mensagem recebida em alto e bom som.

“Sim, Treinador”, respondi respeitosamente, grato que ninguém estivesse próximo o suficiente para ouvir nossa conversa.

“Vá pegar o ônibus.” Ele deu um tapinha no meu ombro com um ligeiro empurrão.

— Eu teria chorado — disse a ele com uma careta.

— Não, você não teria. Mas eu estava cagando de medo — ele reconheceu, com uma risada desconfortável.

— Aposto que sim. Certo, então você voou de volta para o Arizona, onde haveria o jogo. Nós dois sabemos como isso aconteceu — dei uma pausa, referindo-me ao jogo que eles perderam que finalizara sua temporada final para o ano. — Então, o que você fez?

— Acho que você está gostando disso um pouco demais. — Ele puxou o travesseiro por baixo de mim, e minha cabeça bateu contra o colchão.

— Ei! — gritei, esticando a mão para o travesseiro que ele segurava fora de alcance. — Jack, eu realmente *preciso* saber.

Ele jogou meu travesseiro do outro lado do quarto e depois deu tapinhas no alto do seu de maneira convidativa. Forçando-me a dividir com ele seu travesseiro, ele pressionou sua testa sobre a minha.

— Você quer saber como comecei a perseguir você assim que voltei para o Arizona?

— Mas é claro! — praticamente soltei um grunhido, e ele riu.

— Eu lhe contarei depois do café da manhã. Estou morrendo de fome. — Ele piscou e tascou um beijo em minha testa antes de pular da cama. Depois, esticou seus braços acima de si e seus músculos se flexionaram e avolumaram. Meu olhar se voltou para seu abdômen definido, bronzeado. — Está gostando do que está vendo?

— Ei, eu já vi melhores — disse brincando, recusando-me a alimentar o ego enorme de Jack Carter.

— Duvido muito. — Ele desceu uma mão pela extensão de sua barriga bem esculpida. — Isto aqui é produto com selo Classe A. Você tem sorte por eu não cobrar ingressos.

— Para quê? Para o show de armas? — Apontei para seus braços, meus lábios se recurvando em diversão.

— Exatamente! O show de armas — ele provocou, antes de pular na cama e me prender sob ele. Jack me segurou com força enquanto eu me espremia, tentando escapar de seu abraço. — Aonde você pensa que vai?

— Pensei que íamos comer — eu disse, com atitude, inclinando minha cabeça para o lado.

Ele soltou um suspiro áspero, pulando da cama.

— Vamos, então. Você é quem não consegue parar de olhar para mim como se eu fosse um pedaço de carne.

— Você mesmo se rotulou como Classe A! Isso é uma classificação de carne! — gritei, minha voz animada enquanto eu apanhava um traveseiro e o atirava sobre ele. Ele o apanhou sem esforço no ar.

— Você parou com a brincadeira? Pensei que você queria ouvir o resto da história. — Ele sorriu maliciosamente antes de sair do quarto, deixando-me sozinha com meus pensamentos.

Perseguidor

JACK

Quando ela finalmente entrou na cozinha usando nada além de minha camiseta, eu quase a virei de costas e a fiz marchar de volta diretamente para o quarto. Ignorando a pulsação dentro de minha cueca, olhei fixamente para dentro de sua geladeira quase vazia.

— Você não tem comida — eu me queixei, fechando a porta.

— Eu como muito fora. — Ela deu de ombros. — Mas tenho cereal. E pão.

Ela pôs quatro fatias de pão na torradeira, e eu a conduzi pela mão até a mesa da cozinha, puxando-lhe uma cadeira. Coloquei uma tigela vazia e uma colher diante dela, seguidas pelo leite e uma caixa de cereal. Depois sentei-me perto dela, enchendo minha tigela até a beira com a porcaria crocante.

— Posso saber da perseguição agora? — ela pediu ao derramar leite em sua tigela.

— Primeiro de tudo, gatinha, você tem que entender que assumi um compromisso comigo mesmo. Eu tinha que colocá-la em segundo plano até que a temporada acabasse. Sabia que se perdesse tanto o beisebol quanto você, eu não teria nada na vida. Nunca seria capaz de sobreviver a tanta perda.

Estava certo de que ela entendera isso, conhecendo-me bem como me conhecia, mas ainda era preciso dizê-lo. A mera ideia de não ter nem beisebol nem minha gatinha me revirava por dentro e me deixava oco.

— Entendo isso. — Seus olhos se suavizaram com compreensão antes de se apertarem demoniacamente. — Agora, vamos à perseguição.

Lentamente enfiei uma pilha de cereal em minha boca antes de dizer mais uma palavra. Meu ritmo de contador de histórias estava torturando-a, e eu sabia disso. Gostava de ter a supremacia numa situação na qual eu não tinha realmente vantagem nenhuma. Tivera sorte de ela não bater a porta com violência em minha cara na noite passada. Normalmente não teria uma segunda chance com a garota que quebrou todas as suas regras por mim. Eu daria tudo o que ela quisesse. Responderia a cada pergunta duas vezes se precisasse.

— Você está fazendo cera — ela disse, erguendo-se de sua cadeira para pegar a torrada.

Meu compromisso terminou no momento em que perdemos a última partida em casa e nossa pós-temporada se encerrou. Eu tinha duas semanas para fechar meu apartamento no Arizona e me mudar. Eu não tinha muitas coisas ali, já que a maior parte de meus pertences permanecia abandonada na casa no Alabama. A casa que eu compartilhava com aquela piranha, Chrystle. Eu sabia que teria que voltar para lá para empacotar tudo antes que minha vida pudesse seguir em frente, mas receava só de pensar nessa ideia. Se pudesse evitar, nunca mais poria um pé na maldita propriedade novamente. Graças a Deus, o Alabama não tem um time de beisebol da liga superior.

Pegando uma garrafa de água, entrei na sala de estar e desabei no sofá. Peguei meu celular, procurando pelo nome de meu advogado entre meus contatos. Seleccionei seu número, pressionei Ligar e relaxei entre as almofadas, enfiando minha cabeça sobre os travesseiros.

“Ei, Jack, o que há?”, a voz de Marc soou bem alto, interrompendo o ruído ao fundo.

“Você tem um minuto? Preciso falar com você.”

“É claro. Espere um segundo.” Com uma batida violenta de uma porta, as distrações anteriores foram silenciadas. “Certo, estou aqui. O que está acontecendo? Você está bem?”

Eu fiz que sim, esquecendo por um momento que ele não podia me ver através do telefone. “Estou. Só quero conversar com você sobre o que preciso fazer para desfazer o casamento.”

“Certo”, Marc respondeu rapidamente, e depois eu o ouvi digitando. “Bem, então, obviamente, suas duas opções são um divórcio ou uma anulação.”

Percebi que meu queixo estava cerrado e tentei relaxá-lo. O mero fato de que eu estava tendo esta conversa já me deixava fulo da vida. “Uma anulação significa que o casamento nunca aconteceu, certo?”

“Sim, mas você só pode requerê-la sob certas circunstâncias.” Ele continuou digitando.

“Chrystle mentiu sobre estar grávida”, eu disse, desejando fazer este casamento maldito desaparecer completamente. Odiava ter esperado tanto tempo para lidar com tudo isso, mas não podia tomar as medidas necessárias durante a temporada de beisebol. Se eu precisasse ir ao tribunal para testemunhar ou dar uma declaração, não estaria disponível enquanto estivéssemos em desempates. Minha vida pessoal tinha que esperar.

“Eu sei.” A batidinha rápida continuou enquanto eu esperava. “Ok, temos tudo de que precisamos. Pediremos a dissolução do casamento sob a categoria de fraude e o ônus da prova ficará para nós, se for necessário. A primeira coisa que farei amanhã de manhã será pedir a revisão. Não será difícil.”

Prendi um fôlego profundo. “Fabuloso. Obrigado, Marc.”

“De nada.”

“Então, há alguma outra coisa que eu tenha que fazer? Quanto tempo isso levará?”

“Você não precisa fazer nada ainda. Descobrirei se você tem que fazer uma declaração legal diante de um juiz ou não. Tão logo Chrystle a assine, nós enviaremos a revisão e deverá levar umas poucas semanas para a conclusão.”

“Caramba. Sério mesmo? Só umas poucas semanas?” Fiquei de boca aberta e depois abri um enorme sorriso.

“Sim. É só um processo, não vai ser longo. Entrarei em contato com você.”

“Tudo bem. Obrigado mais uma vez, Marc. Falarei com você depois.” Apertei o Fim antes de lançar meu celular sobre a mesa de centro e estender a mão para meu laptop.

Só umas poucas semanas. Que foda!

Abri meu navegador e digitei um nome na barra de busca on-line: “Cassie Andrews”.

Quando uma quantidade absurda de opções apareceu, estreitei minha busca: “Cassie Andrews, fotógrafa”.

Seu nome surgiu em primeiro lugar com um link para seu novo cargo em Nova York. Dei um clique nele e me vi numa página cheia de suas informações de

contato. Procurei loucamente por uma caneta ou alguma coisa com que escrevê-las, como se eu não as anotasse em papel imediatamente, elas desapareceriam para sempre e eu nunca mais as veria. Anotei o telefone do seu trabalho, seguido pelo seu e-mail de trabalho, só por precaução.

Precaução contra o quê?

Você não pode ligar para ela até que tenha organizado sua bagunça. Até que Chrystle esteja fora de sua vida de uma vez por todas. Não pode ligar ou mandar e-mails para Cassie até que esteja livre de toda a sua bagagem.

Dei uma olhada no relógio do meu DVD player. Oito da noite. Isso significava onze horas em Nova York.

Pensei que isso seria bom, certo?

O desespero me percorreu com a ideia de ouvir como ela soaria. Eu de repente precisava ouvir a voz de Cassie. Convencido de que não havia como ela ainda estar no escritório, disquei seu número de trabalho, meu coração acelerando em meu peito a cada chamada.

“Você ligou para Cassie Andrews, fotógrafa júnior.”

Meu abdômen se contraiu quando o som de sua voz penetrou em meu ouvido.

“Sinto ter perdido a ligação, mas, por favor, deixe uma mensagem detalhada e retornarei assim que possível. Se for urgente, por favor, aperte zero para retornar à recepção. Obrigada.”

Um bipe soou, e eu rapidamente apertei o botão de Fim em meu celular, com minha respiração entrecortada. Ela soou feliz... animada, até. Meu coração se apertou à dor de perceber que ela podia simplesmente estar bem sem mim. Eu desejava que ela estivesse feliz, mas, com toda franqueza, queria fazer parte disso. Ela havia se tornado uma fixação permanente dentro de mim. Eu lutava para lembrar como eram as coisas antes que ela se entocasse dentro de minha alma. Não conseguia me lembrar de existir sem ela. Cada parte de mim havia se ligado a ela. Foi naquele exato momento que percebi o quanto estava malditamente desesperado para que ela sentisse o mesmo por mim, e como eu francamente não tinha ideia se ela ainda sentia.

— Você ligou para o telefone do meu trabalho e desligou? Adoro isso.
— Ela inclinou sua cabeça sobre meu ombro, pressionando seus lábios macios sobre meu rosto.

— Fiz isso muitas vezes.

— Quantas são muitas vezes?

— Quase toda noite — admiti, estendendo minha mão através do espaço aberto na cadeira e pousando-a sobre a parte de baixo das suas costas. Esperava que ela achasse que meus atos eram belos em vez de sinistros.

— Você ligou para a minha secretária eletrônica quase toda noite, mas nunca ligou para mim?

Que merda.

— Não enquanto ainda estava... — dei uma pausa, não querendo dizer a palavra “casado”. Estremeci.

— Você é tão teimoso, às vezes — ela me repreendeu.

— Eu sei. Mas juro que meu coração está no lugar certo. — Como se eu não tivesse lhe pedido para entender o suficiente, desejava que ela compreendesse esta parte também.

— Seu coração e eu vamos ter uma conversa depois.

— Espero ansiosamente por isso. — Ergui minhas sobrancelhas e ela deu um tapa no meu ombro.

— Então, assim que sua temporada terminou, você se mudou de volta para a casa de seus avós na Califórnia? Acho que me lembro de Melissa me dizendo que você tinha voltado para lá.

Empurrei minha cadeira para a mesa de novo, peguei nossas tigelas e coloquei-as na pia. Eu as lavaria depois. E, para deixar claro, eu não lavo louça. Mas, por Cassie, eu lavaria as louças da cidade inteira, se ela pedisse.

— Sim. Voei de volta para ficar com meus avós logo depois que a temporada terminou. Eu sentia muito a falta deles.

— Aposto que eles também sentiam sua falta. — Seus olhos verdes brilharam com suas palavras. Eu amo como eles fazem isso, às vezes, quando ela está empolgada ou lembrando de alguma coisa..

— Foi bom estar em casa, sabe? Cercado por pessoas que realmente se preocupam com você e seu futuro.

Enxuguei minhas mãos numa toalha de louça antes de conduzi-la em direção ao sofá da sala de estar. Puxei sua cabeça para meu peito e suspirei quando ela passou seu braço em torno de mim, seus dedos agarrando minha pele.

— É estranho que eu sinta falta de seus avós mais do que sinto falta de meus próprios pais? — Ela deu uma risadinha contra meu peito.

— Não, seus pais são meio chatos.

— Os seus também — ela disparou defensivamente, seu corpo ficando tenso.

— Sem essa.

— Bem, não somos um casal? — Ela relaxou seus ombros e meus nervos se acalmaram.

— Acho que sim. — Eu beijei sua cabeça, suspirando com o aroma de seu shampoo. Ela sempre cheirava bem.

— Vovó e vovô estavam ficando desesperados com tudo isso?

Meu estômago contraiu com as lembranças que inundavam agora minha mente.

— Eles ficaram realmente tristes, na maior parte do tempo. Acho que vovó sofreu mais. O fato de ela saber que estava acontecendo alguma coisa comigo que ela não podia consertar ou melhorar lhe doía muito.

A cabeça de Cassie fez que sim em meu peito.

— Pobre vovó...

— Sim, foi ruim. Eu me senti péssimo. Ainda me sinto. — Minha respiração travou.

Ela arqueou seu pescoço, puxando minha cabeça para trás para olhar para mim enquanto o ar frio enchia o espaço agora vazio de meu peito.

— Não faça isso com você mesmo, Jack. Isso acabou. — Sua boca se desenhou num sorriso e eu tentei sorrir em retribuição, mas falhei.

— Eles sabem que você está aqui? Comigo? — ela perguntou, com voz trêmula. Por que diabos Cassie teria que ficar nervosa em relação aos meus avós? Eles a adoravam. Ela tinha que saber disso.

— Eles sabem. Estão superfelizes com isso.

— Mesmo? Eles não ficaram assustados pela possibilidade de eu não recebê-lo de volta? — Seus olhos se focalizaram nos meus com atenção.

Eu sorri.

— Não realmente.

Seu queixo caiu um pouco.

— O que você quer dizer com *não realmente*?

— Vovó disse que conhecia o amor verdadeiro quando o via. Ela tinha certeza de que você me perdoaria. Que poderia não ser fácil, mas que por fim você voltaria.

Os lábios de Cassie formaram um sorrisinho malicioso de boca fechada.
— Vovó é esperta.

Meus dedos se contorceram através das longas tranças louras de seu cabelo enquanto minha mente derivava por um momento, convencido de que isso era apenas um sonho. Esperei para estar bem ali, segurando esta garota em meus braços, por tanto tempo, que eu quase não conseguia acreditar que isso estava realmente acontecendo.

— Vamos voltar à história — suas palavras interromperam meus pensamentos.

“Senti sua falta!” Vovó me espremeu antes de me olhar de alto a baixo. “Você está com aparência sadia, isso é bom.” O sorriso se expandiu por todo o seu rosto, até que seus olhos se espremeram em meias-luas.

“Senti sua falta também, vovó”. Eu me inclinei para dar um beijo em sua bochecha bem conservada.

“Você parece maior”, vovô disse com um sinal de aprovação e eu sorri, abraçando-o com força.

“Eu venho me esforçando muito. Tenho que fazer isso, neste nível.”

“Você sempre se esforçou muito”, Dean disse ao sair de seu quarto e entrar na sala de estar. Desde que deixei minha casa para jogar beisebol, não acho que Dean tenha pensado um só dia em se mudar. Eu não podia culpá-lo. Vovó e vovô eram a melhor coisa do mundo.

Estendi os braços para ele e o puxei num apertado abraço de urso antes que ele começasse a sufocar com um som irreconhecível.

Eu dei risada. “Não deste jeito. Não neste nível, com toda esta quantidade de dias e horas. É literalmente um novo jogo estar nas ligas superiores.”

“É mais difícil?”, Dean perguntou.

“Muito mais difícil. Eles podem rebater meu arremesso de 150 km/h. E podem rebatê-lo longe.”

“Isso é ruim.”

Abri minha boca para responder. “Onde está a gatinha?”, vovô interrompeu com um sorriso insolente, e meu sorriso foi embora.

Vovó bateu seu pé sobre o tapete. “Vamos deixar Jack pôr suas coisas no quarto. Podemos falar disso depois do jantar.”

Lancei para vovó um olhar de “muito obrigado” antes de descer pelo corredor para meu velho quarto. Olhei ao redor para as minhas coisas, intocadas desde que eu havia partido. Um quadro emoldurado de Cass e eu estava disposto em minha mesa de cabeceira. Estendi a mão para ele, passando meu dedo sobre as curvas do rosto dela. Esmagado pelo desejo de ligar para ela, peguei algum papel solto e comecei a escrever. Eu fazia esse tipo de bobagem apenas por ela. Por ninguém mais. Nunca.

Gatinha,

A pós-temporada oficialmente acabou. Eu me mudaria de meu apartamento no Arizona e voaria direto para o Alabama para pegar meus pertences, mas senti falta de vovó e vovô. Por isso estou sentado em meu quarto em casa, pensando na última vez em que estivemos todos juntos aqui. Sinto sua falta quase tanto quanto vovô. Ha!

Esqueci o quanto estar em casa faz com que eu me sinta seguro. Talvez seja apenas porque é bom estar cercado por pessoas que amam você e se preocupam com você verdadeiramente, em vez de gente tentando tirar vantagem. Quem pensaria que eu seria tão fácil de manipular?

Conversei com Marc outro dia sobre a anulação e ele começou a dar entrada na papelada. Felizmente, isso acabará logo, e eu estarei lá antes que você se dê conta, pedindo seu perdão e rezando para que você me aceite de volta.

Por favor, não desista de nós.

Eu sempre amarei você.

Jack

P.S.: Vi suas fotografias hoje. Elas estão realmente bonitas, Cass. Estou orgulhoso de você.

Rumando para a cozinha, Dean e vovô já estavam sentados enquanto vovó terminava seu trabalho no fogão.

“Posso ajudá-la, vovó?”, perguntei, antes de chegar à minha cadeira.

“Não, querido. Sente-se e comece a falar.”

Dei risada. “Falar? Sobre o quê?”

“Oh, você sabe o quê! O que está acontecendo com tudo? Quando seu divórcio com aquela mulher medonha será concluído?”

A colher na mão de vovó balançou com sua fúria enquanto ela resmungava alguma coisa baixinho.

“Marc entrou com o pedido de anulação. Estamos apenas esperando que ela assinasse.” Dei de ombros, sentindo o peso dos olhares fixos de Dean e vovô nos meus ombros.

“Ela vai assiná-lo, certo?”, Dean perguntou, num tom preocupado.

O peso da pergunta de meu irmãozinho era uma coisa que não havia me ocorrido até que ele a fizesse. “Não sei por que ela não assinaria.” Eu estava olhando ao redor da pequena cozinha na qual passara a maior parte de minha vida antes de me deparar com o olhar fixo de vovô.

Dean sufocou uma risada. “Eu sei. Você a conhece, né? Ela é uma piranha.”

“Dean! Olhe o palavreado!” A testa de vovó franziu quando ela agitou sua colher de pau na direção dele.

“Desculpe, vovô”, Dean tombou sobre sua cadeira.

Eu me inclinei para frente, pondo meus cotovelos sobre a mesa antes de acrescentar: “Mas tudo está bem acabado entre nós! Ela assinou um acordo pré-nupcial antes de nos casarmos, de modo que não ganha nada com não assinar”.

“Exceto controle”, Dean observou.

Minha raiva se inflamou. “De que merda você está falando?”

“Quantas vezes preciso lembrar vocês dois para controlar suas línguas?”, vovô interrompeu antes de fazer um sinal com a cabeça para vovô.

Soltei um longo suspiro, desejando que minha raiva se abrandasse. “Sinto muito, vovô.”

“Só quis dizer que ela teria controle sobre você se não assinasse os papéis. Ela sabe como você deseja terrivelmente anular este casamento, então não me surpreenderia se ela surgisse com um monte de mer...”, Dean pausou antes de continuar, “... de coisas só para atrapalhar seus planos.”

Analisei as palavras de meu irmãozinho cuidadosamente quando vovô apareceu, colocando pratos cheios de comida fumegante diante de cada um de nós.

“Ele está certo, Jack. Ela foi tão maldosa desde o começo! O que vai impedi-la de ser difícil agora?”, vovô perguntou, com voz trêmula.

Estendi minha mão, pondo-a sobre o ombro de vovô. “Eu não sei. Acho que estou apenas tendo esperança de que ela saiba que terminou e que não adianta adiar o inevitável.”

“Espero que você esteja certo”, ela disse, com um sorriso simpático.

“Como vai a gatinha? Você falou com ela desde que ela se mudou para Nova York?” Observei quando o rosto de vovô se iluminou como o de uma criança no Natal.

“Vovô, se eu não lhe conhecesse bem, diria que você tem uma quedinha por minha garota”, brinquei.

“Sua garota?”, vovô zombou em resposta.

Meu garfo tilintou contra a lateral do prato. “É, minha garota.”

Dean deu risada. “Talvez eu a faça minha garota. Para mantê-la na família.”

Lancei um olhar feroz para ele, o calor imediatamente dominando minhas bochechas. “E eu vou deserdá-lo antes de chutar sua...”

“Garotos, já chega.”

Dean enfiou uma colher cheia de arroz na boca enquanto sorria para mim.

“Você tem sorte de ela ser como uma irmã para mim.”

“É mesmo? Eu diria que você é o sortudo. Porque eu lhe mataria se você a tocasse e você sabe disso.”

“Sou seu único irmão e é assim que você me trata?”

Tentei impedir o sorriso de se espalhar por meu rosto quando vovô interrompeu. “Você está tentando tirar a gatinha do homem, Dean.”

Vovô deu uma risada e meu sorriso se ampliou.

“Preocupe-se com sua namorada não existente, irmãozinho, e deixe minha garota em paz.”

“Você tem uma namorada?”, vovô voltou seu foco para Dean enquanto seus olhos se arregalavam.

Dean me lançou uma advertência ao apertar seus olhos. “Não. Jack só está falando sobre Melissa.”

“Ela é a melhor amiga de Cassie, certo?”, vovô perguntou.

“Sim.”

“Você já falou com ela?”, perguntei, pondo-o na berlinda desta vez.

Ele deu de ombros. “Não.”

“Eu lhe disse para falar com ela”, lembrei-o.

“Eu já disse que ela não quer nada comigo”, ele respondeu de pronto.

“Isso é besteira, você sabe. Definitivamente, ela está a fim de você.”

“Então, qual é o problema?”, vovô deixou cair o queixo na mão, seu olhar indo e voltando entre mim e Dean.

“Eu não sei. Ela diz que não quer um namorado, mas acho que ela apenas não quer a mim como namorado. Podemos falar sobre outra coisa agora?”, Dean se remexeu na cadeira enquanto enchia a boca com mais comida.

“Quem não iria querer você como namorado? Bobagem”, nossa sempre vovó-coruja disse com uma bufada.

“Podemos conversar sobre outra coisa, por favor? Qualquer outra coisa”, Dean suplicou.

Ficando com pena de meu pobre e desconfortável irmão, mudei de assunto. “Encontrei algumas das fotografias de Cassie hoje na internet.”

O silêncio preencheu o ar quando todos pararam de mastigar sua comida, dirigindo seus olhares para mim. “O quê?”, perguntei nervosamente.

“Como você as encontrou?”, vovô perguntou, secando o canto de sua boca com um guardanapo.

“Eu fui ao website da revista dela. Eles tinham uma nota on-line sobre mudar-se para Nova York, e todas as fotografias no artigo eram dela.” Meu peito se inchava de orgulho enquanto eu falava sobre ela.

“Isso é uma ótima notícia! Quero que você me mostre depois do jantar”, os olhos de vovô se iluminaram de entusiasmo enquanto ele batia sua mão sobre a mesa.

“Espere.” Dean inclinou sua cabeça quando um sorrisinho malicioso apareceu. “Você segue a revista on-line dela?”

Ajustei meu olhar, olhando para ele diretamente. “Você está certo. Eu sigo. Quero saber o que ela está fazendo cada segundo em que não está comigo. E se houver uma fotografia que ela tire para aquela revista, eu vou querer vê-la.”

“Acho isso bonito”, vovô disse.

“Acho isso psicótico”, Dean disparou.

Eu mudara o assunto da conversa para ele e era assim que ele me recompensava? “Mesmo, Dean? Depois de tudo que Cassie e eu passamos, você acha que eu seguir o trabalho dela na internet é psicótico?”

“É um pouco esquisito, você não acha? Você não pode sequer falar com ela na vida real, e mesmo assim a segue on-line?”

A cadeira raspou o chão quando eu empurrei, ficando em pé de um pulo. Minha respiração travou quando minhas defesas se armaram. Ninguém falava sobre mim e Cassie daquele jeito. Nem mesmo meu irmão.

“Jack, sente-se!”, vovô disse severamente. “E Dean, pare de insultar seu irmão! Vocês dois estão agindo como dois garotinhos.”

Puxei um fôlego penetrante antes de recolocar a cadeira junto à mesa e sentar-me. “Não posso falar com ela até que eu não esteja mais casado, entendeu? Então, até lá, sim, eu vou seguir tudo que ela faz pela internet. E se aquela revista pode me dar um vislumbre de como ela anda vendo o mundo, eu acessarei. Porque, até que eu esteja de volta à vida dela, esta é a única Cassie que terei. E se isso me torna psicótico, estou me lixando. Sinto muito, vovô...”, eu me antecipei, antes que ela desse um tapa em meu ombro.

“Eu vou trancar você no quarto! Não me importo com sua idade”, ela ameaçou com uma ligeira risada.

“Foi ele quem começou”, eu disse, fazendo um sinal com a cabeça em direção ao meu irmão. “Vamos falar um pouco mais sobre Melissa.”

Dean agitou seus braços no ar em derrota. “Sinto muito. Trégua?”

Antes que eu pudesse responder, vovó perguntou: “Por quanto tempo você planeja ficar em casa?”

Vovô ergueu os olhos de seu prato e olhou diretamente para os meus. “Sua pós-temporada toda?”

Engoli meu último bocado de comida. “Eu não sei. Supus que esperaria por Marc me telefonar sobre a anulação, e depois iria para o Alabama para assinar os papéis e fechar a casa ao mesmo tempo.”

“E depois disso?”, Dean perguntou.

“Terei que trazer minhas coisas para cá, mas eu quero ir a Nova York o mais breve possível para acertar as coisas com Cass”, admiti. “Tenho apenas alguns meses antes de voltar para o Arizona para o treinamento da primavera e ainda preciso encontrar um lugar para alugar.”

“Isso não é muito tempo”, vovô soou preocupado.

“Eu sei.”

“O que você está planejando dizer para Cassie?”, vovó inclinou sua cabeça em minha direção. “Como você vai ganhá-la de volta?”

“Ainda não sei. Mas será alguma coisa sobre como eu sou ruim e como ela não é.”

Vovô riu de minhas palavras, e eu sorri.

“Muito romântico.” Dean sarcasticamente levantou dois polegares para o ar.

“Cale a boca, Dean. Ninguém gosta de você.”

“Você sabe que terá que dar a ela mais que algumas palavras bonitas, querido”, vovó disse enquanto me lançava um olhar significativo.

“Confie em mim, vovó. Eu sei.”

O rosto de Cassie relaxou quando ela se ergueu para beijar minha bochecha.

— Gostei que você tenha me seguido na internet. Também segui você.

Minha adrenalina começou a disparar quando ajustei minha posição no sofá.

— Você me seguiu?

— Claro que sim. Eu ainda amava você, Jack. Eu me importava com você. Queria ver como você estava. Foi um grande feito o seu nas ligas superiores. Não perderia isso — ela explicou, seus ombros caindo como se ela não tivesse escolha neste aspecto.

— Então, você não acha que sou psicótico?

— Eu não disse isso — ela caçoou, brincando.

Saltei sobre ela antes que pudesse se afastar, prendendo seu corpo por debaixo do meu e contra as almofadas do sofá. Seu peito se moveu pesadamente para cima e para baixo, — e exigi todos os meus esforços para não rasgar sua camisa e perder-me em seu corpo. Minha cueca ficou rija quando me abaixei para beijá-la, roçando minha língua por sobre seu lábio inferior. Ela gemeu ligeiramente ao arquear a cabeça para trás, seus lábios se abrindo. Pressionei minha boca contra a sua, minha língua e a sua tocando-se eroticamente numa provocação brincalhona de empurrar e puxar.

Queria arrancar suas roupas e devorá-la centímetro por centímetro. Suguei seu pescoço, o sabor de sua pele quase me levando a um frenesi. Ela baixou suas mãos sobre a extensão de minhas costas ao puxar minha camisa para cima. E cravou seus dedos em minha pele enquanto eu a beijava e lambia sua orelha e pescoço antes de voltar à sua boca. Jesus, como eu queria esta garota! Ela me ateava fogo como nenhuma outra. Tentando manter alguma aparência de autocontrole, recuei do beijo, e suas mãos se apertaram em torno de meu pescoço. Eu dei uma risada e perguntei:

— Você não quer saber mais?

Suas mãos se apertaram ao puxar meu rosto para o dela.

— Dentro de um minutinho — ela disse, roçando sua língua sobre meus lábios.

Minhas mãos exploraram todo o seu corpo, parando no alto de suas coxas.

— Quero você tão intensamente. Você me deixa louco.

— Então me possua. — Ela sugou o lábio inferior para dentro da boca, e eu desejei colocar, em vez dele, uma coisa minha ali dentro.

Agarrei a gola de sua blusa e a ergui através de sua cabeça, incapaz de tirá-la com rapidez suficiente. Ela estendeu a mão para a minha

camisa, dando puxões nela antes que eu me sentasse e a arrancasse eu mesmo. Meu corpo começava a pegar fogo quando ela correu suas mãos sobre meu peito nu, parando na altura de minha cueca. Quando as pontas de seus dedos delicadamente roçaram minha ereção, eu estremei. Só aquele simples toque seu e eu quase perdi os sentidos.

É perturbador o quanto ela me domina. Ela sempre dominou, mas, ainda assim...

Chutei minha cueca para longe, dando silenciosamente uma batida nas minhas costas quando percebi onde os olhos de Cassie estavam fixos. Meio tentado a fazer alguma observação insolente sobre como ela gosta de olhar para meu pau, eu me contive. Eu ainda não havia voltado para a sua vida por vinte e quatro horas; não precisava ir já estragando tudo.

Meu olhar se moveu de seus olhos, descendo para seu corpo nu.

— Você é tão sexy! — Eu realmente quis dizer estas palavras, mas elas saíram num rosnado lascivo e ela mordeu seu lábio inferior novamente. Deixei minha boca cair sobre a sua, sugando aquele lábio entre meus dentes, meu corpo se inclinando para juntar-se ao dela.

O calor disparou dentro de mim quando nos tocamos. A sensação de sua pele colada à minha fazia minha luxúria me dominar de maneira faminta. Enrosquei meus dedos em seus cabelos, puxando sua cabeça com força para trás para que eu pudesse beijar seu pescoço e seu queixo.

— Oh, Deus, Jack. Quero você dentro de mim. Por favor. Pare de me provocar.

Pressionei minha ereção contra ela, e quando ela uivou de prazer, eu me afastei.

— Maldição, Jack. Pare de ficar só ameaçando. — Seus dedos se enterraram em minhas costas enquanto ela me guiava com força para dentro dela.

Sem mais uma palavra eu a penetrei, meu corpo estremeando quando o calor dela me envolveu completamente.

— Jesus Cristo, Cassie. Por que você parece sempre tão maravilhosa? — Minha respiração ficou difícil enquanto eu a penetrava e saía. A visão de seu mamilo me atraiu, de modo que passei meu dedo delicadamente em torno dele antes de enfiá-lo em minha boca, colocando minha língua ao seu redor.

Cassie gemeu, seu corpo se arqueando sob mim enquanto ela crava suas unhas pelas minhas costas por completo até embaixo.

— Melhor parar com isso — eu disse, esbaforido.
— Ou o quê? — ela provocou, correndo seus dedos sobre minhas costas mais uma vez.
— Ou eu gozarei antes de você — admiti.
Ela balançou sua cabeça.
— Não vamos admitir isso.
— Então, comporte-se — exigi, agarrando seus braços e prendendo-os acima de sua cabeça, enquanto minha penetração prosseguia. Ela riu sob mim, e eu varri seus lábios com minha língua antes de enfiá-la em sua boca quente. Ela murmurou algo ininteligível contra mim, e eu a beijei com mais força.
— Jack — ela sussurrou, sua respiração se acelerando enquanto seus quadris se erguiam e abaixavam para se ajustarem aos meus. Estoquei dentro dela pela última vez antes de explodir. Meu ritmo de penetração diminuiu e eu desfaleci sobre ela, meu peso empurrando seu corpo ainda para mais fundo no sofá. — Oh.
Ela gemeu de novo enquanto seu corpo estremecia sob o meu.
Obrigada, meu Deus.



— Por que você gosta de me sufocar? — ela disse, dando tapas nas minhas costas.
— Gosto de me deitar assim com você.
Ela empinou a cabeça.
— De que modo? Comigo morta?
Uma rápida risada brotou de minha garganta.
— Não. Eu gosto de ficar dentro de você.
— Bem, saia agora. — Ela sorriu maliciosamente.
Recuei lentamente, e ela saiu correndo por baixo de mim, precipitando-se em direção ao banheiro.